

***The Mapping Journey Project* de Bouchra Khalili: fazendo mapas falarem**

The Mapping Journey Project by Bouchra Khalili:
making maps speak

Valdir Pierote Silva*

 [0000-0001-8763-3879](https://orcid.org/0000-0001-8763-3879)

Resumo

A partir da obra *The Mapping Journey Project* de Bouchra Khalili, este artigo aborda as tensões entre o sistema de codificação geopolítica contemporâneo e a mobilidade de populações marcadas como indesejáveis, especificamente imigrantes e refugiados que tentam ingressar na Europa. Para acessar esses tensionamentos, o artigo produz uma espécie de contra-cartografia ao transitar por algumas linhas de força que estabelecem fronteiras, instituem mapas oficiais e compartimentalizam o mundo, separando populações que importam daquelas que supostamente não possuem valor.

Palavras-chave

Arte e migração; Arte Contemporânea Africana;
Mapas; Fronteiras; Deslocamentos Humanos

Abstract

Based on Bouchra Khalili's The Mapping Journey Project, this article addresses the tensions between the contemporary geopolitical coding system and the mobility of populations marked as undesirable, specifically immigrants and refugees trying to enter Europe. In order to access these tensions, the article produces a kind of counter-cartography when passing through some lines of force that establish borders, establish official maps and compartmentalize the world, separating populations that matter from those that are supposed to be worthless.

Keywords

*art and migration; African Contemporary Art;
Maps; Borders; Human Displacements*

* Mestre em Estética e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP, São Paulo, Brasil.

Introdução

[...] para o pobre, os lugares são mais longe.
(GUIMARÃES ROSA, 2001, p.63)

Os deslocamentos humanos e as migrações têm se destacado como questões de significativo interesse para o campo da arte contemporânea, especialmente para trabalhos de artistas africanos¹. Isso se deve, talvez, a certa extroversão africana, um modo de ser que é fortemente direcionamento para o aberto, para as interconexões e para os movimentos; uma visão de mundo que valoriza a aprendizagem baseada na mobilidade, no trânsito, resultado de um conhecimento construído por meio das movências e mediante o estabelecimento de relações².

A obra *The Mapping Journey Project* (2008-11), da franco-marroquina Bouchra Khalili, opera por meio dessa perspectiva e participa desse multifacetado e efervescente cenário de produções que pensam e discutem os variados graus de circulação das pessoas pelo mundo. Trata-se de uma videoinstalação compreendendo oito vídeos que apresentam vozes e mãos de imigrantes indocumentados e refugiados que narram suas jornadas ao mesmo tempo que as traçam, com um marcador permanente, sobre um mapa geopolítico oficial (MOMA. *The Mapping Journey Project*; VIDEOBRASIL. 17º Festival Internacional de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil, 2011).

Partindo das diversas dimensões mobilizadas por Bouchra Khalili, o presente artigo tem como propósito criar uma espécie de cartografia de elementos acionados em *The Mapping Journey Project*, problematizando relações entre arte, políticas de fronteira, mapas oficiais e a regulação das mobilidades humanas.

The Mapping Journey Project

Ao assistir os vídeos de *The Mapping Journey Project* é possível imaginar as linhas e os pontos do próprio percurso pessoal, construído em intenso trânsito por

¹ PISSARRA, 2010; HERZ-JAKOBY, 2013; DUBIN, 2014; BOURRIAUD, 2011.

² MBEMBE, 2014b; BAYART, 1999.

lugares – físicos e simbólicos –, ao longo dos anos. Contudo, apesar da enormidade que é a vida de qualquer pessoa, algumas experiências que a constituem exigem outras formas, para além dos corpos individuais. O que seria, afinal, forte o bastante para romper a profusão de componentes e intensidades individuais para abrir passagem no mundo, não mais pessoal, por meio de um gesto, uma enunciação ou um traço?

Em *The Mapping Journey Project*, são as histórias de imigrantes ou refugiados indocumentados que atravessam o limite das narrativas particulares para adquirirem uma nova amplitude como questão social e coletiva. Trata-se de relatos de pessoas textualizadas pelos discursos xenófobos e racistas como inferiores, perigosos, subdesenvolvidos e ilegais. São viventes de um mundo ocultado por representações oficiais que, por meio de traços e narrações, demonstraram o caráter violento e apaziguador dos mapas.

Se, por um lado, os mapas oficiais apagam violentamente, com suas linhas aparentemente inofensivas, os conflitos, as guerras e as mortes que dão espessura as suas fronteiras, por outro, também buscam estabelecer uma pacificação, uma imagem fixa, como se os territórios fossem naturais e portadores de dinâmicas equilibradas.



Fig. 1
 Bouchra Khalili. *The Mapping Journey Project*,
 2008-11

Consciente dessa natureza oxímora dos mapas, ao mesmo tempo violenta e apaziguadora, Bouchra Khalili procura desorganizá-la, rachando certa *pax* geopolítica através dos relatos e desenhos dos seus interlocutores. Tais pessoas fazem derivar dali, das frias ilustrações da oficialidade, outros elementos, como as perigosas travessias de fronteiras sob a ameaça das polícias nacionais ou os coiotes que exigem grandes quantias para falsificação de papéis. Mais do que isso, esses relatos e traços falam, no seu conjunto, das necropolíticas (MBEMBE, 2016) imigratórias que definem quem pode viver ou morrer nas circulações entre países.

Outro ponto que se destaca é que, nas oito telas da videoinstalação, apenas se escutam as vozes, que são acompanhadas por legendas em inglês. Enquanto as mãos traçam itinerâncias, os rostos permanecem invisíveis durante todo o tempo. A videoinstalação despessoaliza, dessa maneira, os percursos particulares em favor do aparecimento das linhas, do movimento, indicando como o estatuto político de alguém pode emergir da possibilidade ou impossibilidade de movênci pelo mundo. Mostra ainda os efeitos desumanizadores da invenção da categoria imigrante ilegal, produz certo apagamento dos rostos, fazendo desaparecer singularidades por meio de estereótipos e violências.

Mapas e regimes de circulação

Ao recorrer a memórias frequentemente subalternizadas, Khalili desvela as arbitrariedades de qualquer *pax* geopolítica, do mesmo modo que sobrepõe às linhas das fronteiras os rastros de vidas que nunca apareceram em discursos dominantes. Diante do reducionismo e do caráter hegemônico dos mapas (HARLEY, J. B. 2001), o trabalho da artista produz uma espécie de sacudimento das imagens geopolíticas, abrindo os grafismos estanques por meio de narrativas e traços de imigrantes.

Em entrevista a *Frieze Magazine* (2019), Khalili lembrou que a primeira imagem que realmente a impressionou foi um Mapa do Mundo de 1154, do viajante marroquino, geógrafo e botânico Muhammad al-Idrisi. Tratava-se de um mapa circular que mostrava o Sul como o Norte e vice-versa, uma representação descentralizada do mundo, sem marcação de hierarquias.

Com efeito, esse tipo de experiência estética pode ter influenciado a artista na aliança com ideias de geógrafos como Brian Harley, importante crítico da

instrumentalização dos saberes cartográficos no exercício dos poderes de impérios, estados-nações ou conglomerados capitalistas. Para Harley (2001, p.57)

Os geômetras marchavam ao lado dos soldados, elaborando primeiro os mapas para as missões de reconhecimento, depois com informações gerais, antes de fazê-los instrumento de pacificação, civilização e de exploração dessas colônias. Mas isto vai muito além da demarcação de fronteiras para submeter política e militarmente as populações. Os mapas prestam-se a legitimar a realidade da conquista e do império. Eles contribuem para criar mitos que ajudam a manter o status quo territorial.



Fig. 2
Muhammad al-Idrisi.
Mapa-múndi, 1154

Partindo do *status quo* da geopolítica mundial, Khalili mostra que os “os mapas são essencialmente uma linguagem de poder e não de contestação” (HARLEY, 2001, p. 79). E, de certo modo, ela também produz uma descentralização dos poderes ao propor uma reorganização das linhas, mostrando a infinidade de percursos que compõem um território.

Já do ponto de vista dos regimes de circulação, é possível, inclusive, acompanhar o histórico de um dos imigrantes da obra, um jovem de Bangladesh cuja fala é traduzida abaixo:

Ele me disse que eu tinha que ir primeiro de Daca para a Rússia
 Não, isso é errado
 Eu fui primeiro de Daca para Nova Délhi
 Onde eu passei dois dias
 Então eu saí de Moscou
 Que é aqui que
 eu cheguei em Moscou
 Depois de uma semana em Moscou
 O homem me disse que tínhamos que ir para Skopje
 Em um país chamado Macedônia.
 Quando cheguei em Skopje
 Eles me disseram que meus documentos pareciam um pouco falsos.
 Eles me disseram: “Você não pode entrar no país.”
 E eles chamaram a polícia.
 Eu fiquei preso por 8 meses e 20 dias, algo assim.
 Depois eles me enviaram para Bangladesh. . . O homem que paguei para
 ir à Itália disse: “Espere alguns meses, encontraremos outra estrada”
 (KHALILI. *The Mapping Journey Project*, 2011, tradução nossa).

Com esse trecho, sublinha-se a dimensão das distâncias exigidas das pessoas marcadas como subalternas. Os caminhos, bem como os meios para percorrê-los, são mais complexos, dispendiosos, cheios de perigos, de ataques, de proibições, de ziguezagues, de idas e vindas. Revelam-se os tipos de aceleração de determinados corpos nas travessias, as velocidades desiguais impostas às pessoas.



Fig. 3
Bouchra Khalili. *The
Mapping Journey Project*,
2011

Os espaços explicitam estruturas hegemônicas que impedem o fluxo para certos grupos populacionais. Um imigrante portador do estereótipo de indesejável poderá demorar vários meses, ou mesmo anos, para atravessar uma determinada fronteira, diferentemente de um executivo transnacional que circula pelo mundo em altíssima velocidade, enfrentando pouquíssimos bloqueios. Evidenciam-se, desse modo, as desigualdades nos graus de liberdade de mobilidade, bem como dois grandes regimes de circulação pelo mundo: um ligado às pessoas e mercadorias (materiais e imateriais) necessárias à manutenção dos fluxos do mercado capitalista global (turistas, executivos e representantes do sistema financeiro, bens culturais, modelos de vida etc.), e outro que compreende os humanos fixados em lugares cujo controle e subalternização estão ainda sob a égide de um poder disciplinar e territorializado. Alta circulação de um capitalismo mundial financeiramente integrado e, simultaneamente, barreiras e violências contra a circulação de insurgentes diante das políticas de fronteiras.

Artistas africanos, por exemplo, pelo fato de serem africanos, e muitos deles negros, sofrem inúmeros impedimentos para moverem-se com liberdade pelo mundo. A partir dessa questão, o camaronês Barthelemy Toguo criou o projeto *Carte de séjour* (carta de permanência), composto por grandes carimbos com vários tipos de frases que fantasiosamente poderiam atestar a possibilidade de trânsito e permanência nas diversas partes do mundo. Ao comentar este trabalho em entrevista a Marta Mestre, o artista assinala que se trata de uma

[...] grande ironia, no sentido em que a reflexão que ali se fazia era ostensiva, e que os carimbos a declaravam em frases como “Shame on you”, “Immigration Officer”, ou “No exit”. Para além disso, e ao inverso de muita da circulação da cultura material africana feita por ocidentais, procurei expor estes carimbos com o seu suplemento de burocracia associada. O meu próprio passaporte, que estava cheio de carimbos de embaixadas e de controlos de fronteiras, resumia esta dificuldade de circulação. Foi um projecto que me deu um enorme prazer porque se tratava de uma experiência partilhada, não só com toda uma geração de artistas contemporâneos com entraves na sua mobilidade, mas também com um forte impulso da imigração africana para a Europa. Decidi então sobredimensionar estes carimbos de forma a expressar a lentidão deste processo, o tempo que nos leva a passar de uma fronteira para a outra, e os perigos por que se passa. Tal como refere, a importância que é para certas pessoas conseguir um visto, na mesma equivalência do desejo dos colonizadores pelos ídolos africanos (MESTRE, 2010).

A própria Bouchra Khalili é índice do alto embaralhamento e das diversas conexões dos territórios do planeta: ela nasceu em Casablanca, no Marrocos, em 1975, mas cresceu entre seu país natal e a França e, atualmente, reconhece Berlim como seu lugar de residência. Khalili cursou cinema e artes visuais em Paris e tornou-se professora de arte contemporânea na *Oslo National Academy of the Arts* (Noruega), além de ser cofundadora da *La Cinémathèque*, uma organização com sede em Tanger, Marrocos, dedicada à promoção da cultura cinematográfica no Norte da África (BOUCHRA KHALILI [site]).

Contudo, o significativo grau de mobilidade da artista relaciona-se a sua biografia, que a localiza em uma posição diferenciada: em razão de sua condição social e filiação francesa, a artista possui facilidades de circulação pelos sistemas

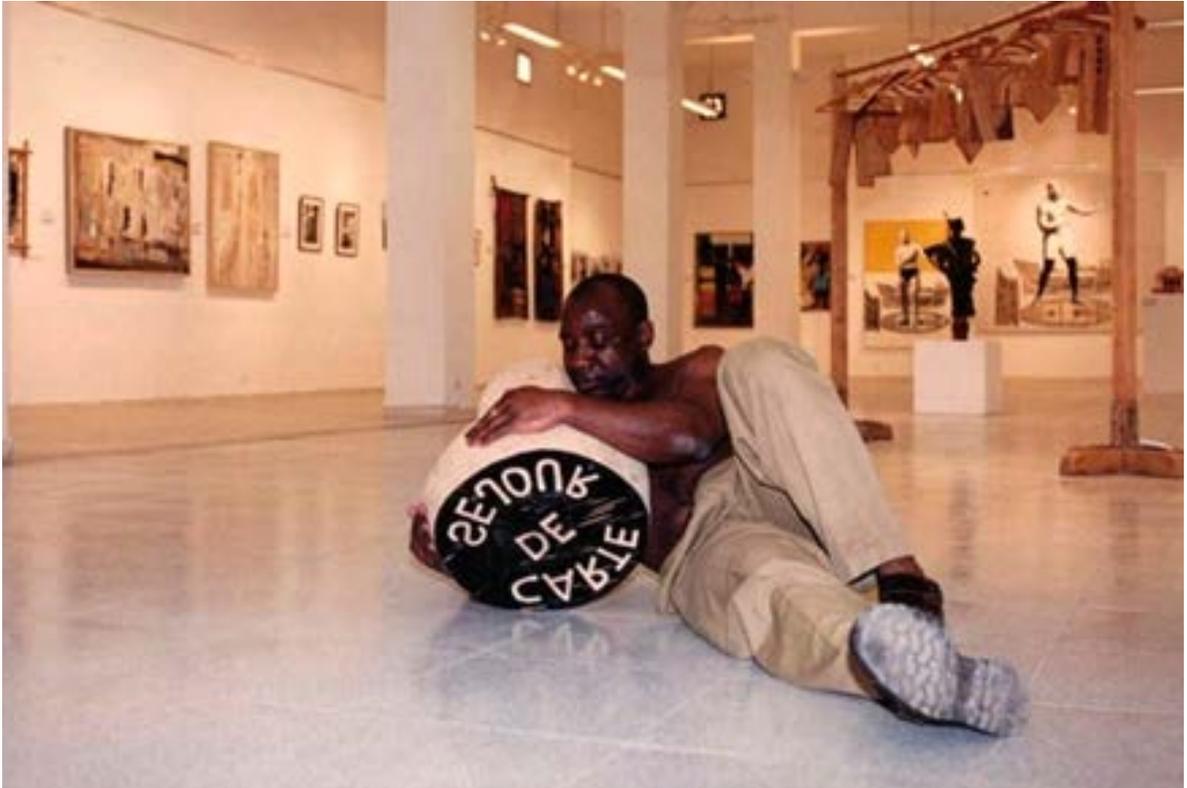


Fig. 4
Barthélemy Toguo.
Performance *Carte de
Séjour*. Senegal, Bienal
de Dacar, 1998

da geopolítica global. No entanto, mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, ela não parece se distanciar de questões que afetam muitos de seus contemporâneos africanos que buscam ampliação de universos pela mobilidade.

Como se vê, muitos componentes complexos e heterogêneos são cristalizados nas representações gráficas chamadas de mapas, os quais são extremamente limitados porque não podem apreender as desigualdades nos tempos, nos espaços, nas velocidades e nos trânsitos. Tampouco retratam as disputas para manutenção de fronteiras e territórios, a instituição arbitrária de Norte e Sul, a projeção imagética eurocentrada dos continentes.... Os mapas são precários e insuficientes na abordagem dessas questões, bem como no que diz respeito aos percursos das inúmeras pessoas que participam da tessitura dos territórios. O universo de elementos ligados à divisão do território mundial não cabe em sua forma, viciada em naturalizar por meio de abstrações da realidade e de sucessivas tentativas de pacificar pela violência (HARVEY, 2001).

Traços que delimitam e definem

A expansão ultramarina europeia, as dominações e ocupações coloniais, bem como a partilha do território do continente africano durante a Conferência de Berlim marcaram indelevelmente a África (CHARLES; SÁ MARQUES, 2011). Esse violento processo produziu, entre muitas coisas, diversas projeções cartográficas, as quais revelaram que “um traço de lápis sobre um mapa podia determinar a vida e a morte de milhões de indivíduos” (HARVEY, 2001, p. 59). Bouchura Khalili, por sua vez, mostra em *The Mapping Journey Project* que, embora os traços de morte sejam fartos nas cartografias, há ainda a possibilidade de retomar tracejos vitalistas das pessoas que constituem, de fato, os territórios. Com isso, ela mobiliza uma ressignificação de mapas geopolíticos oficiais, cuja base são os processos de expansão imperialistas e coloniais e cuja estética é fortemente ancorada na presença de linhas retas, as quais dividem e compartimentalizam, desfazendo qualquer organicidade das geografias locais.

Com efeito, Ingold (2007) compreende que a modernidade ocidental e os processos colonialistas produzidos no seu interior apresentam importante conexão com as linhas retas, as quais, enquanto estética e conceito, emergiram em detrimento de outros modos de tracejar. Nessa perspectiva, a linha reta, com início, meio e fim, é uma forma de pensar que ganhou força ao longo dos últimos séculos produzindo, além de imagens, um adestramento dos sentidos, em que olhar, ouvir e andar são condicionados a linearidade. “Nas sociedades ocidentais, as linhas retas são onipresentes. [...] [trata-se de] um símbolo virtual da modernidade, um indicador do êxito do racional, forma triunfante sobre as vicissitudes do mundo natural” (INGOLD, 2007, p. 211, tradução nossa).

A relevância da linha reta está ligada, de certo modo, a sua grande polivalência. Por meio dela, se compartimentaliza, ordena, mede, e se expressam números e proporções. Com essa tecnologia, o mundo pode ser altamente esquadrinhado segundo uma racionalidade garantidora de certezas, legitimidades e direções. Concomitantemente,

[...] ao longo do século XVIII, surgem vários discursos sinceros acerca da natureza, da especificidade das formas dos seres vivos, das qualidades, traços e características dos seres humanos e, até, de populações inteiras, que são especificadas em termos de espécies, gêneros ou raças classificados ao longo de uma linha vertical (MBEMBE, 2014a, p.37).

Em outras palavras, a linha reta se encontra com o evolucionismo social num processo de ampliação dos seus usos — primariamente ligados aos campos da geometria, cartografia e matemáticas — nas leituras sobre as sociedades, a partir de então divididas e valoradas conforme termos colonialistas, racistas e autocentrados.

A linearidade persiste nas compreensões relativas ao tempo, ao espaço e a história, mas, apesar disso, os interlocutores de Khalili colocam em jogo outros sentidos, outras formas e direções que precisariam se abrir. Por necessidade, coragem e resistência, estas pessoas estão produzindo as novas cartografias do mundo contemporâneo, nas quais não há mais a centralidade das linhas retas, uma vez que, para os imigrantes codificados como indesejados, viajar de modo reto, pela menor distância entre dois pontos, é quase impossível. De fato, o que há são curvas, ziguezagues e vaivéns, como se vê na figura 5, reprodução de uma das imagens da obra *The Constellations Series* (2011), produzida por Khalili a partir das linhas inscritas pelos seus interlocutores em *The Mapping Journey Project*. Cada cidade é um ponto em negrito, enquanto os percursos são os pontilhados. Não há caminhos retilíneos e se esboçam traços complexos, mais próximos do caráter rizomático das vidas, isto é, de uma condição com várias linhas múltiplas, com desvios, que se inter cruzam produzindo campos heterogêneos de conexões e rupturas ao longo do tempo (DELEUZE; GUATTARI, 2009).

Compartimentalização e racialização do mundo

Os mapas e linhas retas participam do grande empreendimento de produção de fronteiras com o propósito de estabelecer compartimentalizações homogêneas nas quais se fundem geografia, raça e tempo, sob um governo das populações. Trata-se, em outros termos, do forjamento das colônias, espaços supostamente sem conexão com o tempo presente e cuja população é atacada por uma fabulação de uniformidade entre fenótipos e culturas, a localizando falsamente em estágios subalternos de humanidade. Com efeito, nota-se aqui a operação de uma forma de pensamento baseada nas classificações filogenéticas que é transplantada para os universos humanos, num processo de coisificação das pessoas³.

³ FABIAN, 2013; MBEMBE, 2001.

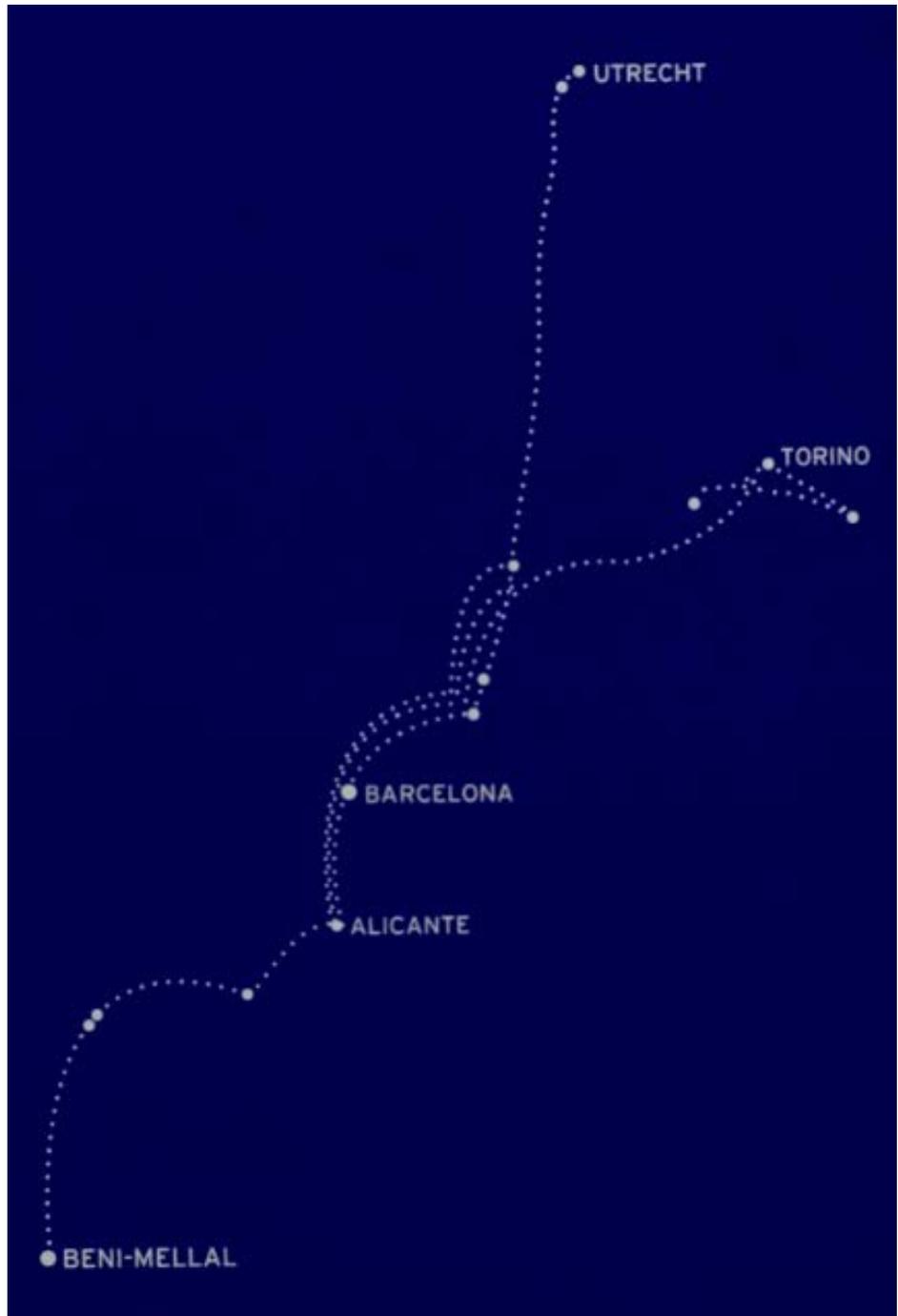


Fig. 5
Bouchra Khalili.
The constellations
series, 2011

Pode-se também chamar essa operação de racialização do mundo. Para Achille Mbembe (2014b, p. 71),

A raça é aquilo que permite identificar e definir que grupos de populações são, individualmente, portadores de traços diferenciais e mais ou menos aleatórios. [...] Neste contexto, os processos de racialização tem como objetivo marcar estes grupos de populações, fixar o mais possível os limites nos quais podem circular, determinar exatamente os espaços que podem ocupar [...]. Trata-se de fazer a triagem destes grupos de populações, marcá-los individualmente como “espécies”, “séries” e “tipos”, dentro de um cálculo geral do risco, do acesso e das probabilidades, de maneira a poder prevenir perigos inerentes a sua circulação e, se possível, a neutralizá-los antecipadamente, muitas vezes por paralisção, prisão ou deportação. [...] a raça é, simultaneamente, ideologia e tecnologia de governo.

A raça é, portanto, uma forma de governo de corpos e de grupos, definindo possibilidades de circulação, bem como justificando várias formas de exploração, genocídios e epistemicídios. Nessa perspectiva, libertar-se dessa maquinaria racista exige uma miríade de práticas de reconfiguração e de insubmissão (MBEMBE, 2018), problemática encarada de modo frontal pelos protagonistas dos vídeos de *The Mapping Journey Project*. Apesar de toda a violência das fronteiras, essas pessoas romperam com os lugares fixos engendrados pelo sistema colonial-racial-capitalista e, por meio de insurreições singulares, tornaram-se vetores de força múltiplos que fissuram barreiras e lugares estáticos.

Nesse viés, os processos de homogeneização, compartimentalização e racialização são elementos de regimes de definição ancorados na violência, constituintes de um dispositivo para produção de paralisia e morte dos grandes contingentes populacionais que são impedidos de circular e produzir vida conforme seus próprios interesses e desejos.

Trata-se de pessoas excedentes ou resistentes ao capitalismo mundial integrado (GUATTARI, 1981) com uma multiplicidade de fazeres e dizeres que não cabem em nenhum mapa. E é justamente sobre essa imensidão que transborda das representações pacificadoras que *The Mapping Journey Project* vem nos falar: as cartografias hegemônicas não são neutras e nelas há variados graus de barbárie, bem como uma significativa aliança entre poderes que investem na paralisia dos “indesejáveis”, tanto quanto na delimitação e exploração de seus corpos e territórios.

Referências

BAYART, J.F. *L'Afrique dans le monde: une histoire d'extraversion*. **Critique internationale**, v. 5, Paris, p. 97-120, 1999.

BIENAL DE DACAR. **Barthelemy Togo**, *Performance Carte de Séjour*, Senegal, 1998. Disponível em: <<http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/dakar-and-havana/>>. Acessado em: mar. 2020.

INTENSE ART MAGAZINE. **Bouchra Khalili**. Disponível em: <<http://www.iam-africa.com/alternative-perspectives-bouchra-khalilis-mapping-journey-project/>>. Acessado em: mar. 2020

BOURRIAUD, N. **Radicante: por uma estética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CHARLES, A. J., SÁ MARQUES, L. A. C. de. Cartografia histórica da África - Mapa cor de Rosa. **Anais do I Simpósio brasileiro de cartografia histórica**, Paraty, p.1-16, 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf>. Acessado em: mar. 2020.

CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf>. Acessado em: mar. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2009.

DUBIN, S. C. Ngezinyawo-Migrant Journeys, Wits Art Museum (WAM), Johannesburg, April 10–July 20, 2014. **African Arts**, n. 48, v. 2, Los Angeles, p. 85-89, 2015,

FABIAN, J. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FRIEZE MAGAZINE. *Questionnaire: Bouchra Khalili*. n. 199, nov.-dez., 2018. Disponível em: <http://www.bouchrakhalili.com/wp-content/uploads/2015/05/Questionnaire_-Bouchra-Khalili_-Frieze.pdf>. Acessado em: mar. 2020.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUIMARÃES ROSA, J. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HARLEY, J. B. *Maps, knowledge and power*. In: HARLEY, J. B. **The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

HERZ-JAKOBY, A. *Mobility in the Life and Work of Contemporary Ghanaian Artists*, **Critical Interventions**, n. 7, v. 1, Santa Barbara, p. 65-78, 2013.

INGOLD, T. **Líneas: una breve historia**. Barcelona: Gedisa, 2007.

- KASFIR, S. *Migration and displacement*. In: Kasfir, S. *Contemporary African art*. London: Thames and Hudson, 1999.
- MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. *Estud. afro-asiát.*, v. 23, n. 1, Rio de Janeiro, p.171-209, 2001.
- MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014a.
- MBEMBE, A. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Mangualde; Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2014b.
- MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, PPGAV, EBA, UFRJ, n.32, p. 123-151, dez. 2016.
- MBEMBE, A. *O fardo da raça*. São Paulo: N-1, 2018.
- MESTRE, M. *A beleza e o sofrimento - conversa com o artista Barthélémy Toguo*. Buala, 19 out. 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-beleza-e-o-sofrimento-conversa-com-o-artista-barthelemy-toguo>>. Acessado em: 20 jul. 2018.
- MOMA. *The Mapping Journey Project*. Acessado em: 20 jul. 2018.
- MUHAMMAD AL-IDRISI, *Mapa-múndi*, 1154. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dreses#/media/Ficheiro:Al-Idrisi's_world_map.JPG>. Acessado em: mar. 2020.
- PISSARRA, M. *Migrant Perspectives: The Art of Zemba Luzamba*. *Critical Interventions*, n. 4, v. 1, Santa Barbara, p. 102-107, 2010.
- VIDEOBRASIL. *17º Festival Internacional de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil. The Mapping Journey Project*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2011.

Submetido em março de 2020 e aprovado em maio de 2020.

Como citar:

SILVA, Valdir Pierote. *The Mapping Journey Project* de Bouchra Khalili: fazendo mapas falarem. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 39, p. 11-25, jan./jun. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n39.2>
Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>